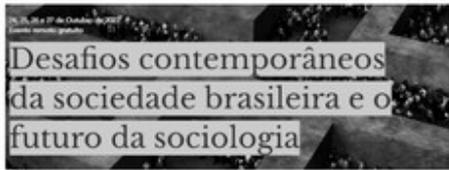


GT 01 – O futuro da vida nas cidades: desafios do con-viver

**Processos de gentrification na região da feira livre de Lagarto/SE: contextos de
pandemia do Covid 19**

Rosana Rocha Siqueira
(IFS Campus Lagarto)



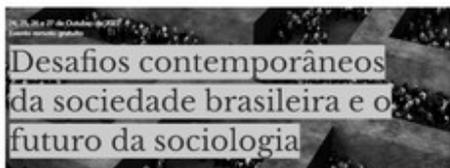
Processos de *gentrification* na região da feira livre de Lagarto/SE: contextos de pandemia do Covid 19

Rosana Rocha Siqueira
Doutora em Desenvolvimento de
Meio Ambiente-PRODEMA UFS
Prof. IFS Campus Lagarto
rosana.siqueira@ifs.edu.br

RESUMO

Este artigo originou-se de pesquisas realizadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe-IFS sobre processos de *gentrification* na região da feira livre da cidade de Lagarto, localizada na Região Centro Sul do Estado de Sergipe. É pertinente indicar o marco temporal a partir de 2018 como forma de refletir se os processos de *gentrification* foram intensificados nos anos seguintes a abertura do Mercado José Corrêa Sobrinho (2017) e se as medidas sanitárias de prevenção à COVID 19 impactaram nestes processos. Para tanto foi realizada pesquisa exploratória documental e de campo. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados diários de observação e registro fotográfico, entrevistas a gestores públicos e feirantes consulta a documentos e material bibliográfico. Diante das pesquisas realizadas pode-se perceber a intensificação dos processos de *gentrification* motivadas por ações do poder público e privado (novos agentes econômicos) que provocaram a segmentação dos espaços de comercialização dos produtos, a “saída” de feirantes e o surgimento de novos agentes que passaram a negociar na região. Nota-se também a presença de um dos aspectos dos processos de *gentrification* onde agentes considerados “inoportunos” reassumem seus espaços nestes territórios. Desta forma pode-se afirmar que tais processos foram intensificados também devido à pandemia do COVID-19.

Palavras-chave: Feira de Lagarto/Sergipe, *gentrification*, COVID-19.



INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre a continuidade dos estudos relacionados à salubridade ambiental e processos de *gentrification* na região da feira livre da cidade de Lagarto, localizada na Região Centro Sul do Estado de Sergipe.

O marco temporal analisado considerou as interações ocorridas após o ano de 2018 considerando que a equipe do grupo de pesquisa do Instituto Federal de Sergipe realiza estudo interdisciplinares relacionados a área da feira livre da cidade de Lagarto desde 2005. Dentre estas interações foram observados os contextos de *gentrification* para o aporte da obra do Mercado José Correia Sobrinho e transformações em seu entorno e seus desdobramentos, bem como o período da pandemia do COVID-19 com implicações no trânsito e comercialização de produtos e serviços.

Neste sentido foram observadas as seguintes questões norteadoras:

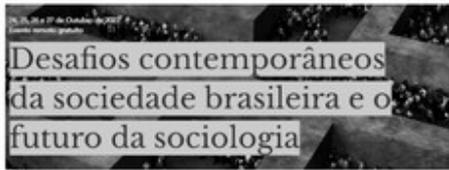
- Os processos de *gentrification* foram intensificados nos anos seguintes a abertura do Mercado José Correia Sobrinho?
- As medidas sanitárias de prevenção à Covid 19 impactaram de que forma processos de *gentrification* na região da feria de Lagarto?

As feiras livres possuem grande importância socioeconômica para várias regiões do mundo e cidades brasileiras. As feiras possuem logística de abastecimento, dinâmicas de vendas, *mix de marketing* (preço, praça, produto e promoção) diferenciadas, tanto pelos diferentes hábitos alimentares, quanto pelo poder de compra do consumidor, desta forma funcionam como verdadeiros “termômetros” do acesso aos produtos alimentícios.

Uma feira é a reunião de expositores e participantes, com a finalidade de comercialização de um produto ou serviço, realizada em um local com data definida. Para muitos, ela é utilizada como ferramenta de marketing para promover a interação entre compradores e fornecedores.

(Fonte: <https://www.moblee.com.br/feiras-e-eventos/#:~:text=Uma%20feira%20%C3%A9%20a%20reuni%C3%A3o,intera%C3%A7%C3%A3o%20entre%20compradores%20e%20fornecedores>. Acesso em: 16 de jun.2022).

Segundo Dantas e Pachelly, (2008, p.87):



Falar das feiras é reconstruir a evolução das relações de troca em praticamente todas as partes do mundo. Em algumas regiões, tais instituições surgiram como um fenômeno primitivo e espontâneo a ponto de muitas cidades terem suas origens relacionadas estreitamente com as feiras. O surgimento de instituições destinadas essencialmente à realização de intercâmbio de mercadorias e ao abastecimento da população representou o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial sendo este um dos elementos determinantes para os homens se reunirem em sociedade.

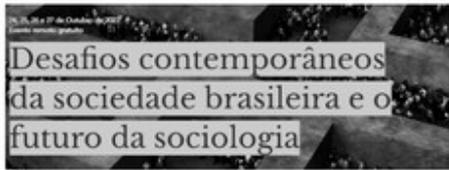
As feiras tradicionais de várias cidades interioranas da Região Norte e Nordeste do país auxiliam na manutenção de vínculos de pertencimento entre comerciantes e consumidores, contribuem para geração de renda e valorização da agricultura familiar, além de aumentar o fluxo de outros negócios nestas cidades.

Hoje, a feira nordestina tem como função básica ser um espaço concentrador de parte da produção agrícola regional. Elas se constituem como verdadeiras praças de mercado cotidianas, para onde demandam inúmeros vendedores, quer sejam os próprios agricultores, ou ainda os próprios comerciantes da localidade que deslocam suas mercadorias das lojas para a feira. Vimos anteriormente que esse tipo de comércio teve início como praça de mercado, ou seja, um “local onde são trocados bens e serviços, sendo frequentadas preferencialmente por pequenos produtores que levam sua própria produção para venda” (ARAÚJO; RODRIGUES, 2004, p. 181). À medida que estas praças evoluíram, tornaram-se um verdadeiro sistema de mercado regional com organização e periodicidade próprias. Assim, devido aos papéis que desempenham no contexto regional, os referidos autores consideram as feiras do Nordeste como um dos fenômenos sociais dos mais curiosos da região (DANTAS; PACHELLY, 2008,p.87).

Desta forma guardam em si um regionalismo próprio e diferenciado das feiras livres de cidades mais urbanizadas nos grandes centros.

As feiras consideradas “tradicionais”, isto é, que guardam características passadas de geração em geração ou aspectos peculiares e distintivos de um determinado grupo também passam por mudanças, seja devido ao cumprimento de normativas de salubridade ou organização do espaço econômico, social ou territorial, ou mesmo devido as mudanças tecnológicas das quais estão inseridas.

São estes processos considerados como necessários, que se realizados sem planejamento adequado, aporte de equipe multidisciplinar e sem considerar estudos e relatórios de impacto ambiental (EIA/RIMA) e Estudo de impacto de vizinhança (EIV)



propiciam os processos de *gentrification*. As feiras são lugares de interações humanas e sendo configurado como “lugar” exprime o pertencimento à construção cultural que a permeia, inter-relacionando-se com o meio socioambiental da qual faz parte. É também “território” de tensões delimitado por poderes capazes de movimentar as peças no tabuleiro dos interesses políticos e econômicos que com ela se conectam.

Desta forma o adjetivo “tradicional” muitas vezes é questionado, inclusive onde processos de *gentrification* atuam impactando seja “[...] em um processo calculado de desinvestimento e precarização de determinadas áreas, para posterior reinvestimento de capital com vistas à atração de ocupantes que possibilitariam maior retorno financeiro (ALCÂNTARA, 2018). Ou mesmo no sentido de promover modificações no uso dos espaços (incluindo a demolição, reforma e construções), padronizações e outras medidas que provoquem mudanças nos hábitos sociais, culturais e econômicos em que agentes sociais possam ser considerados inconvenientes ao ponto de serem pressionados a saírem destes locais enquanto outros agentes são inseridos e valorizados formando novas relações nem sempre harmoniosas considerando as tensões já existem ou potencializadas pelos processos de “reorganização” das estruturas, processos e funções.

Neste sentido Queiroz (2014) esclarece, baseando-se em Milton Santos:

Para Milton Santos, o espaço geográfico é uma totalidade e deveria ser analisado como tal. Para isso, o geógrafo brasileiro propôs a análise do espaço a partir da indissociabilidade e da holística entre forma e conteúdo – estrutura, processo e função (SANTOS, 1985). A forma é todo o espaço material visível, por exemplo, as moradias, as indústrias, os comércios, os serviços, as cidades, a rede urbana (QUEIROZ, 2014).

De acordo com Alcântara (2018, p.1) o processo de *gentrification* ou “gentrificação” surgiu de conceitos pensados pela socióloga britânica Ruth Glass (1912-1990), sendo hoje um conceito amplamente estudado em diversos domínios das ciências.

Em sua definição primeira, o termo refere-se a processos de mudança das paisagens urbanas, aos usos e significados de zonas antigas e/ou populares das cidades que apresentam sinais de degradação física, passando a atrair moradores de rendas mais elevadas. Os “gentrificadores” (*gentrifiers*) mudam-se gradualmente para tais locais, cativados por algumas de suas características - arquitetura das construções, diversidade dos modos de vida, infraestrutura, oferta de equipamentos culturais e históricos, localização central ou

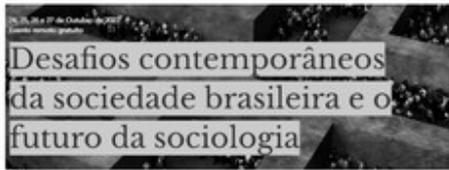
privilegiada, baixo custo em relação a outros bairros -, passando a demandar e consumir outros tipos de estabelecimentos e serviços inéditos. A concentração desses novos moradores tende a provocar a valorização econômica da região, aumentando os preços do mercado imobiliário e o custo de vida locais, e levando à expulsão dos antigos residentes e comerciantes, comumente associados a populações com maior vulnerabilidade e menor possibilidade de mobilidade no território urbano, tais como classes operárias e comunidades de imigrantes. Estes, impossibilitados de acompanhar a alta dos custos, terminam por se transferir para outras áreas da cidade, o que resulta na redução da diversidade social do bairro (ALCÂNTARA, 2018, p.1).

Como pode ser visto na figura 01 imagens atuais área de influência direta da feira livre de Lagarto se estende a várias ruas e avenidas, regiões circunvizinhas ao Mercado Municipal José Corrêa Sobrinho, cuja atividade comercial iniciou-se em 11 de dezembro de 2017, diante de protestos devido a questões relativas ao nome do empreendimento e da falta de condições de todos os feirantes disporem de espaços de comercialização dentro do mercado e em seu entorno.

Figura 01- Área de influência da feira livre de Lagarto e do Mercado Municipal José Corrêa Sobrinho.



Fonte: Siqueira, 2022.



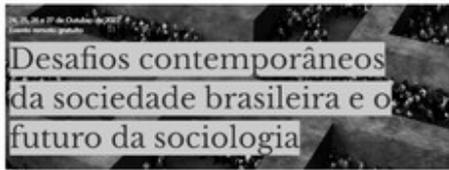
Siqueira e Reis (2019) indicam que as problemáticas relacionadas ao ordenamento da feira partiram principalmente da urgência de salubridade sanitária para a comercialização dos produtos hortifrúti granjeiros e carnes, acrescida das polêmicas relacionadas ao matadouro de carnes. Após a intervenção do Ministério público e aporte de verbas Estaduais foi possível iniciar a demolição do antigo e precário mercado e início da construção do Mercado Municipal José Corrêa Sobrinho e do galpão para acomodar os feirantes que não conseguiram instalar-se no interior do Mercado devido a faltas de condições financeiras e outros motivos. Leite (2007, p. 65-67) complementa ainda que:

Falar do patrimônio como mercadoria cultural significa ressaltar seu valor de troca, a partir da ampliação do espectro econômico dos seus valores de uso. O problema central dessa perspectiva não é a existência de uma dimensão econômica da cultura, mas a redução do valor cultural ao valor econômico[...]. Modos de vestir-se, comer percorrer certos itinerários urbanos, ocupar certos espaços e transforma-los em *lugares* (ainda que efêmeros), nos quais os indivíduos se reconhecem e afirmam suas diferenças, representam formas simbólicas de consumir e demarcar formas específicas de pertencimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória documental e de campo. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados diários de observação e registro fotográfico, entrevistas a gestores públicos e feirantes consulta a documentos e material bibliográfico. O marco temporal analisado indica as interações ocorridas após o ano de 2018 considerando que a equipe de estudos relacionado a área da feira livre da cidade de Lagarto dispõem de arquivos com fotos, entrevistas e pesquisas que foram iniciadas em 2005.

Dentre estas interações foram observados os contextos de *gentrification* para o aporte da obra do Mercado Correia Sobrinho e transformações em seu entorno e seus desdobramentos, bem como o período da pandemia do COVID-19 com implicações no trânsito e comercialização de produtos e serviços.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira questão norteadora versa sobre a possibilidade de intensificação dos processos de *gentrification* nos anos seguintes a abertura do Mercado José Corrêa Sobrinho (2017) e se dá por conta da “pulverização” dos pontos de venda dos feirantes devido as ações de ordenamento dentro e fora do mercado. Desta forma alguns deles alugaram pontos comerciais aos arredores do mercado, outros desistiram de comercializar na região e deram preferência a venda de produtos em outras cidades próximas, em suas residências, em veículos ou mesmo em pequenos carrinhos improvisados. Surgiram nos bairros da cidade de Lagarto inúmeras quitandas cujos comerciantes almejavam a continuidade de suas vendas de produtos hortifrúti granjeiros.

Os feirantes que participaram das licitações dos boxes dentro do mercado também reclamam, pois segundo eles pagam taxas e ainda “sofrem” com a concorrência dos que vendem no entorno do mercado sem o acréscimo destes custos. Diante disso a maioria dos *boxes* direcionados a lanchonetes, restaurantes e bares no primeiro andar do Mercado encontram-se fechados.

Além da cobrança, os feirantes denunciam que a população não está querendo realizar suas compras no Centro de Abastecimento e eles culpam a gestão, pois a mesma não higieniza o local, onde falta até item de limpeza para lavar as mãos, tão pouco aferição de temperatura ou distribuição de máscaras. O vereador de oposição, Matheus Corrêa (Cidadania) ficou surpreso ao tomar conhecimento da informação da cobrança da nova taxa. “Fiquei surpreso ao saber de uma nova taxa sendo cobrada dos feirantes do Mercado Municipal José Corrêa Sobrinho. Em momento de pandemia, solicitamos um pacote econômico de ajuda a população e aos pequenos e médios empreendedores, e infelizmente houve acréscimo de cobranças pelo Poder Público Municipal”, destacou o parlamentar. <http://www.oboloegrande.com.br/descaso-da-prefeitura-de-lagarto-afeta-comerciantes-do-mercado-municipal-jose-Corrêa-sobrinho/>

Figura 02- Boleto de taxas pagas pelos feirantes do Mercado.



cobra-mais-taxas-aos-feirantes-do-mercado-municipal-jose-Corrêa-sobrinho/. Acesso em 10 de jun.2022.

Na sequência de imagens da figura 03 percebe-se que os serviços de manutenção e limpeza no entorno do Mercado e na área da feira precisam ser intensificados. Nota-se inclusive o aumento de pessoas em situação de vulnerabilidade em situação de rua e usuários de drogas ilícitas.

Figura 03 -Sequência de imagens das condições de salubridade no entorno do Mercado. Box fechados no primeiro andar.



Fonte: Siqueira, 2022.

Processos de *gentrification* promovem a substituição do diverso, da sujeira, do público de menor renda, pulverizado em outras regiões da cidade, por outros tipos de frequentadores e investidores, processo esperado para o “desenvolvimento local”, onde o espaço do *habitus* desaparece como algo obsoleto e antiquado e passa a ser “renovado”

sempre que for necessário sem enraizamentos. A exemplo dos artesanatos vendidos na feira, são poucos os feirantes que conseguem manter vivas as tradições, faz-se necessário estabelecer também ações de valorização neste sentido.

Figura 04 -Sequência de imagens- artesanatos vendidos na feira.



Fonte: Siqueira, 2022.

Destaca-se também que a área do entorno ao Mercado e adjacências da feira possui outras interações sociais que vão além da comercialização de produtos. É um espaço utilizado também para festas (juninas, parques, circos, shows), estacionamento de veículos de diferentes utilizações (ônibus, carretas de cursos profissionalizantes, caminhoneiros com carga e descarga) entre outros como pode ser visto na figura 05. No período noturno nota-se também a permanência de profissionais do sexo e usuários de drogas ilícitas, encontram-se em funcionamento bares com bilhar e jogos, posto de gasolina e pontos de moto-taxi. Neste sentido percebe-se processos de *gentrification* em ação, onde a finalidade de trazer novos agentes e usos do espaço durante dia podem não surtir efeito para os agentes do mesmo espaço-território durante a noite, onde possíveis “inoportunos” ou “indesejáveis” retornam a seus postos mesmo com todo fluxo de reordenamento.

Figura 05 -Sequência de imagens- diversos usos dos espaços e seus agentes.



Fonte: Siqueira, 2022.

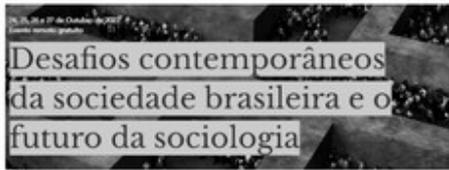
Neste sentido Milton Santos (2008, p.88) acrescenta:

Por isso as segmentações e partições presentes do espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes espaciais a que chamaríamos, provisoriamente, horizontalidades e verticalidades. De um lado, há espaços contínuos, formados de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as horizontalidades. De outro lado, há pontos no espaço que separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade da economia. São as verticalidades. Os espaços se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. Enquanto as horizontalidades são sobretudo, a fábrica da produção propriamente dita e o locus de uma cooperação mais limitada, as verticalidades são conta sobretudo dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais extensa e implacável.

E no eixo destas horizontalidades e verticalidades observamos as chamadas “rugosidades” indicadas aqui por Sabino e Simões (2013, p. 181):

Portanto, as rugosidades, como formas, fazem parte do meio ambiente construído, fração do sistema de objetos do espaço que atestam as marcas particulares da cultura, trabalho, sociedade, economia e tecnologia do momento histórico em que foram criadas, daí ser possível categorizá-las não somente pelos aspectos físicos que apresentam, mas, sobretudo, pelas relações que as interconectam ao seu passado histórico (SABINO; SIMÕES, 2013, p. 181).

Acrescida a esta questão, outro agravante impactou a “pulverização” dos feirantes: as ações em combate a pandemia da COVID-19 que “reorganizaram” a



comercialização de gêneros alimentícios na região da feira e no Mercado Municipal José Correia Sobrinho. Nesse sentido surge nossa segunda questão norteadora:

- As medidas sanitárias de prevenção à COVID 19 impactaram de que forma processos de *gentrification* na região da feira de Lagarto?

No final de dezembro de 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS) recebeu indicativo de vários casos de infecções pulmonares advindos da cidade de *Wuhan* e da província de *Hubei*, ambas localizadas na China. Após pesquisas e alertas de médicos da região observou-se que tratava-se de uma nova cepa do chamado coronavírus.

Segundo informações da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS).

Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoV) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19. (https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875#historico. Acesso em: 29 de jun. 2020).

Organização Mundial de Saúde reconheceu em 11 de março de 2020 o caráter pandêmico da doença no tocante a ampla distribuição da doença nas diversas regiões do mundo.

Várias instituições de diferentes âmbitos setoriais foram impactadas, cerceados por limitações de mobilidade, surgimento de novas sociabilidades, interações por meio da *internet*, *Home Office*, e organização de espaços públicos e privados. Estes contextos foram acrescidos a problemáticas econômicas, políticas e sociais que emergiram das diferentes fragilidades já vivenciadas por brasileiros. Cenários de precarização do trabalho, realidades regionais distintas e dissonâncias entre discursos dos gestores nos diferentes níveis dos poderes tornaram evidentes que a adoção de medidas não seguiu parâmetros convergentes. Questões ligadas a distribuição de renda, acesso às políticas públicas de saneamento e assistência tornaram mais claras as disparidades em relação às populações atingidas pela doença.

Figura 06 – Higienização do Mercado devido a Pandemia do COVID 19.



Fonte: Prefeitura Municipal de Lagarto/2021.

Na sequência de imagens da figura 06 nota-se a limpeza dos espaços internos do Mercado José Corrêa Sobrinho que na ocasião da emergência sanitária culminada com o aumento dos casos de COVID-19 na cidade de Lagarto e regiões próximas.

Nota-se que acrescido às limitações e adequações do acesso e comercialização de produtos nos diversos períodos da pandemia do COVID-19, o aumento dos preços dos combustíveis impactou nos valores dos fretes e afetou toda a logística dos produtos e também contribuiu para que vários feirantes não tivessem condições de continuar comercializando no interior e nos arredores do Mercado José Corrêa Sobrinho. À época a Prefeitura Municipal de Lagarto publicou o Decreto n.716/2020 que entrou em vigor durante o período de 21 de março de 2020 a 5 de abril de 2020, seguido por outras normativas até a atual suspensão do Estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em 22 de abril de 2022, pelo Ministério da Saúde. O Decreto Municipal da Prefeitura de Lagarto indicava:

ART.1º Ficam suspensas:

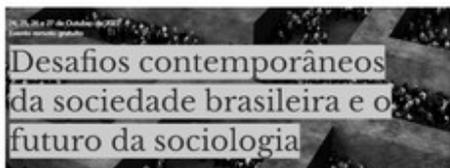
– A Feira de animais que ocorre no Parque de Exposição Nicolau Almeida de Menezes;

– A Feira das Trocas que ocorre em frente ao Ribeirão;

– A Feira de vendas de carros e motos em frente ao Estádio Paulo Barreto;

Bem como ficam proibidos os vendedores ambulantes nas calçadas e praças públicas que comercializem os mesmos produtos oriundos dos mercados José Corrêa Sobrinho e do Mercado Rosendo Ribeiro De Souza no Município de Lagarto/SE.

ART.2º Somente será permitida a realização das feiras existentes no Mercado Municipal José Corrêa Sobrinho e no Mercado Rosendo Ribeiro de Souza (Mercado Velho), assim como as feiras livres dos Povoados Jenipapo, Brasília e Colônia Treze.



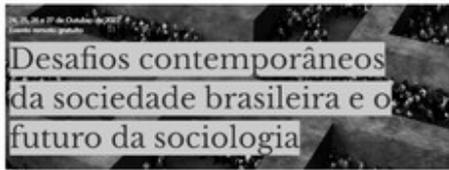
ART. 3º Nos mercados que continuarão com a realização de feiras livres, somente poderão ser comercializados produtos de natureza alimentícia respeitando a distância mínima de 2 metros entre as barracas e bancas. Fonte: <https://lagarto.se.gov.br/secretarias/semagri/prefeitura-de-lagarto-anuncia-medidas-referentes-as-feiras-livres/>. Acesso em: 17 de jun.2022.

A descontinuidade das atividades comerciais na forma presencial provocaram também impactos negativos na aquisição e venda dos produtos que devido à pandemia tiveram problemas logísticos e de aumento de preços praticamente todas as cadeias produtivas. Como medida mitigadora vários feirantes optaram por entregas *delivery* e atendimentos via *whatsapp* o que ajudaram a manter sua renda e a clientela nos períodos mais graves da pandemia de COVID-19.

Em dois anos de pandemia do coronavírus, os preços dos combustíveis no Brasil já ficaram até 60% mais caros para os brasileiros. Isso dá quase quatro vezes do que a inflação oficial acumulada do período, de 4,52% em 2021 e 10,06% em 2022, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). <https://www.mobiauto.com.br/revista/precos-dos-combustiveis-ja-subiram-ate-60-em-2-anos-de-pandemia/1611>. Acesso em 17 de jun.2022.

Dentre os produtos que tiveram maiores aumentos nos comércios da região da feira livre da cidade de Lagarto podemos citar: carnes bovina, suína, caprina e de frango, arroz, feijão, farinha, produtos de limpeza e higiene pessoal, além de frutas, legumes e verduras, recebendo destaque a cenoura, batata, tomate e cebola. Lojas de roupas, brinquedos e importados também sofreram aumento devido à alta do dólar e restrições à localidades de compra com fornecedores como a cidade de Toritama no Estado de Pernambuco, “*a capital do jeans*” grande fornecedora de roupas para toda Região Nordeste.

Em Pernambuco, os municípios de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe sediam os principais polos de confecção do Nordeste. Segundo dados do Governo do Estado, o comércio emprega cerca de 11 mil pessoas. Juntas, Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe são responsáveis por 16% da produção nacional. Quando a pandemia começou, muitas das mulheres que trabalham com costura e já viviam isoladas na atividade domiciliar de trabalho passaram a estar isoladas também da possibilidade de ter alguma renda com o trabalho. <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/04/pandemia-agrava-condicoes-de-trabalho-no-polo-de-confecoes-do-agreste-pernambucano>. Acesso em 10 de jun. 2022.



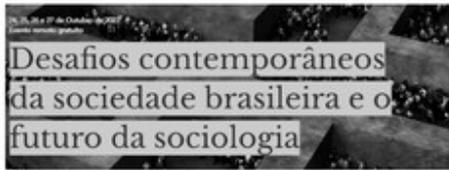
Percebe-se então como são importantes os estudos destes contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido observa-se que todas as dinâmicas aqui apresentadas em decorrência da pandemia do COVID-19 colaboraram para que os processos de *gentrification* fossem potencializados visto que os mais vulneráveis foram os mais impactados. Pode-se notar através das visitas ao *locus* de estudo que a região precisa ser revitalizada e a forma de gestão dos *boxes* do Mercado necessitam de revisão quanto às normas de licitação e uso dos espaços, pois não agradam aos feirantes devido as taxas e o regime de permissão de uso (e não de posse permanente), além de áreas inoperantes por falta demandantes que suportem manter os custos fixos e variáveis dos *box*, além da concorrência “informal” de ambulantes que circundam o Mercado. Não há também esforços de propaganda e *marketing* que fomente ações para atrair os consumidores e mostrar a importância do Mercado e da feira de Lagarto para a sociedade e economia local.

Percebeu-se também a falta de clareza dos Órgãos Municipais procurados em relação à gestão do Mercado, visto que foi indicado um nome como gestor, mas quando procurado este não afirmou ser responsável pela gestão do Mercado. Desta forma a parte de obras e reparos ficaria com a Secretaria de Obras da cidade de Lagarto e a parte de abastecimento com a Secretaria de Agricultura. Destaca-se inclusive a necessidade de maior valorização da cultura, do artesanato local e de pontos informativos para visitantes e consumidores, além do reforço da Vigilância Sanitária Municipal no tocante as práticas de manipulação e venda de produtos alimentícios.

Os cuidados com a salubridade dentro e fora do Mercado e na região da feira precisam ser intensificados pois a presença de resíduos, chorume proveniente destes e vetores torna a região insalubre e causa prejuízos à imagem paisagística do local e aos



comerciantes e transeuntes.

Um ponto positivo a destacar foi a criação de banheiros públicos que anteriormente eram bem precários e sem higiene.

Ressalta-se que este estudo terá continuidade vislumbrando ampliar tais reflexões com escutas qualificadas dos feirantes e clientes do Mercado Corrêa Sobrinho e da região da Feira de Lagarto. Este artigo encerra-se por aqui afirmando o grande interesse e paixão pelas feiras nordestinas que esta equipe de pesquisa não pode deixar de reafirmar em cada estudo, e também o pedido de atenção para que não percamos por falta de zelo e atenção toda a riqueza sociocultural deste ambiente dinâmico que nos alimenta com suas cores e sabores.

REFERÊNCIAS

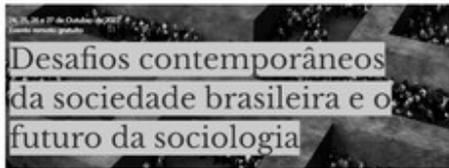
ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. "**Gentrificação**". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>>. Acesso em: 16 de jun.2022.

DANTAS, Galdino; PACHELLY, Geovany. **Feiras no Nordeste**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, vol. 7, núm. 13, 2008, pp. 87-101 Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273620629009>.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Aracaju,SE:UFS, 2007.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. **Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos**. Para Onde!?, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós- Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS volume 8 (2): p154-161, ago./dez. 2014.

SABINO, Anderson; SIMÕES, Robson. **Geografia e arqueologia: uma visão do conceito de rugosidades de Milton Santos**. Revista de Arqueologia Pública, n.8, Dezembro 2013. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP. Disponível:<<file:///C:/Users/Windows/Downloads/cmrodrigues,+sabino+e+simo.es.pdf>>. Acesso em: 17 de jun.2022.



SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: Globalização e meio técnico-científico-informacional. 5.ed. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 176p.

SIQUEIRA, Rosana R.; REIS, Danillo Viana Andrade. **Tradição X salubridade**: conflitos decorrentes da reorganização da tradicional feira da cidade de Lagarto/SE. In.: SEABRA, Giovani. Terra-Políticas públicas e cidadania. Ituiutaba: Barlavento, 2019, p. 66-78.

<http://www.oboloegrande.com.br/descaso-da-prefeitura-de-lagarto-afeta-comerciantes-do-mercado-municipal-jose-Corrêa-sobrinho/>. Acesso em: 16 de jun. 2022.